

Literatura de Cordel, 1.635

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante  
Trovador Brasileiro

# O Andarilho do São Francisco



Romance baseado na Obra da Escritora Amelina Chaves de  
Montes Claros - MG do mesmo título.

1ª edição

1983

AUTOR RODOLFO G. CAVALCANTE  
Trovador Brasileiro

## O Andarilho do São Francisco

Quem versa romance escrito  
Não sabendo corre risco,  
Porém de Amelina Chaves  
Com sua licença me arrisco,  
Vencendo todo impecilho  
Pra falar do Andarilho  
Lá do Rio São Francisco,

É um drama como os outros  
De amor e sofrimento,  
Onde o destino da vida  
Castigou-o no nascimento,  
E em toda a sua vida,  
É história bem sofrida  
Do pobre andarilho Bento.

Bento menino criado  
No alto sertão mineiro,  
Na margem de São Francisco,  
Filho de um velho roceiro,  
Libânio pobre e cansado  
Lutava sem resultado  
Nas terras de um Fazendeiro,

Bento-um garoto esperto  
Da Fazenda era empregado,  
Dr. Izidoro quase  
Tinha o menino criado,  
Com todo amor e meiguice  
Com sua esposa Clarice  
Para servir de mandado,

Dr. Izidoro era  
Já um senhorde idade  
Enquanto Dona Clarice  
No fulgor da mocidade  
Filho de Rio de Janeiro  
Casou-se com o Fazendeiro  
Mas não lhe tinha amizade.

Clarice-mulher bonita  
Tinha no peito o calor  
Da plenitude da vida  
Sem ao esposo ter amor,  
Pela educabilidade  
Naquela localidade  
Só tinha admirador

Entretanto, a fazendeira  
Usava o maior respeito,  
Austera pelo seu porte  
Gozando o melhor conceito,  
A Fazenda dirigia  
Com alta sabedoria  
De um modo mais perfeito.

Entre todos empregados  
Tinha o negro Julião,  
Um preto de confiança  
Da esposa do patrão  
Entre os dois um amor nasceu  
Que ocultamente se deu  
Um começo de paixão.

De maneira caltelosa  
Clarice com Julião  
Satisfaziam os desejos  
Quando havia ocasião,  
Izidoro confiava  
Na mulher que tanto amava  
Não sabendo da traição.

Emquanto o garoto Bento<sup>4</sup>  
Cada dia ia crescendo,  
Foi se tornando rapaz  
Como mísero vivendo,  
O pai já não trabalhava  
E a velha mãe estava  
Num leito quase morrendo.

Era Zeca, irmão de Bento,  
Mais novo, nada fazia,  
Para ajudár aos seus pais  
E assim Bento sofria  
Na Fazenda trabalhando,  
Nada da vida esperando  
Da maneira que vivia.

Um certo dia a patroa  
Chamou-o, em particular,  
E disse:- Bento, você,  
Já está perto de casar,  
Além de ser bonitinho  
Se tornou um rapazinho  
Que já serve para amar.

Clarice olhou para Bento  
Com seu olhar atraente  
E deu-lhe um beijo que ele  
Quase morre de contente,  
E daí para adiante  
Clarice sempre galante  
O tratava como gente.

Bento sentindo as carícias  
Da patroa não aguentou,  
Ficou logo apaixonado  
E um dia lhe falou:  
-Dona Clarice eu a amo,  
Me perdôe se a lhe chamo  
A mulher que me tentou!

-Bentinho, tenha cuidado,  
Porém, a noite, lhe espero  
No meu quarto, pois você  
Como homem é que lhe querol...  
Bento chorou de alegria  
E disse:—é como eu queria,  
Porque a amo, e venero!

E assim por várias vezes  
Tiveram suas relações,  
Mas Julião certo dia  
Tirou suas conclusões,  
Clarice estava mudada  
E Bento tinha chegada  
Mais ligada com os patrões.

O negrão enciumado  
Certo dia intimidou  
A Bento dizendo que  
Ele muito se afoitou,  
Ao namorar a patroa  
Que ele aguardasse uma boa,  
Porém Bento protestou.

-Negro, deixa de conversa,  
Eu sei me respeitar,  
Vou dizer para a patroa  
Se você continuar,  
Julião nada mais disse  
Mas vigiava Clarice  
Para ao patrão enredar.

Bento aí acutelou-se  
E andou com mais cuidado,  
Embora que por Clarice  
Já estava apaixonado,  
Chegou a margem do rio  
Com ar bastante sombrio  
Monologando o passado.

-Meu querido "Velho Chico"  
Ando muito desgostoso,  
Sabe que amo Clarice  
Cujo amor é perigoso?...  
Creia que vou dar um fora,  
Me danar pra Pirapora  
Com fé no Pai Poderoso!

-Sem o amor da patroa  
Sou um homem liquidado...  
E agora que a minha mãe  
Esta sofrendo um becado,  
Eu não sei o que é que faça  
Só pressinto uma desgraça  
Se aqui ficar atolado.

-Que diz o meu velho Rio?...  
Olhe, você, compreenda:  
-Ficar aqui não dar certo,  
Peço que você me entenda.  
Tenha medo do patrão  
E p'ra findar a questão  
Vou deixar esta Fazenda.

Certo dia a mãe de Bento  
Da doença piorou  
E logo numa certa tarde  
No seu casebre expirou,  
Libanio bebericando  
Em nada foi se importando  
Nem p'ra casa não voltou.

Dr. Izidoro soube  
Através do próprio Bento  
Da morte da agregada  
E com melhor sentimento  
Mandou fazer o caixão,  
Pelo seu bom coração  
Comprou bebida e alimento.

A noite houve o velório  
Tendo bebida à vontade  
E os cânticos das "Excelências"  
Era o Cartão da Saudade,  
De vaqueiros, cozinheiras  
E das velhas rezadeiras  
Daquela localidade.

Até o Dr. Izidoro  
A noite estava presente  
Com sua esposa Clarice  
Se mostrando condolente,  
Após a noite passada  
Foi a morta sepultada  
De maneira mais decente.

Bento muito melancólico  
Não sabia o que fazer.  
Se ficasse na Fazenda  
Era sujeito a morrer,  
E se ele desse o fora  
Com destino a Pirapora  
Só tinha um jeito:— soírer.

Bento pelo seu amor  
Delirava de paixão,  
Pois já estava rapaz feito  
E aquela solidão  
Sua paixão aumentava  
E ainda sufocava  
O seu pobre coração.

Para minorar as dores  
Procurou se consolar  
Falando com o "Velho Chico"  
Para se desabafar,  
-Como é Amigo Chico  
Devo viajar ou fico  
O meu destino enfrentar?...

-Me fale, sinceramente,  
Nada oculte, por favor,  
O que é que devo fazer  
Para acalmar minha dor?  
Você que melhor me entende,  
Minha história compreende  
Existe morte de amor?...

-Dona Clarice me mata  
Amendo aquele negrão,  
Tem hora que ela me quer  
De todo o seu coração,  
Outra hora vai p'ra cama  
Como quem ainda ama  
O peste do Julião!

Depois de monologar  
Com o rio, seu amigo,  
Foi pra Fazenda tristonho  
Revelando do perigo,  
Sentiu que a coisa engrossava,  
Já o patrão lhe olhava  
Como se fosse um inimigo

Pensava Bento em sua casa  
Que deveria fazer,  
O pai dele não o ligava  
Pois só vivia a beber,  
O Zeca ainda criança,  
Perdeu de toda a esperança  
De ali permanecer.

Dona Clarice também  
Já andava amargurada  
Pensando no seu esposo  
Que fizesse uma cilada,  
Ao trair o Fazendeiro  
Seu esposo verdadeiro  
Vivia preocupado

Soube por Dona Justina  
Que Bento ia partir  
E foi ao encontro dele  
Só para se despedir.  
-Vá, Bento, que o nosso amor  
Não passou de uma flor  
Que murchou ao se abrir,

-Izidoro, meu marido,  
Já anda desconfiado!  
Me olha de um certo jeito  
De quem está preocupado...  
É melhor que vá embora,  
Como Deus e Nossa Senhora.  
Tudo em nós está acabado!

-Mas fique você sabendo  
Bento, que o nosso amor  
É profundo como o mar,  
É lindo como uma flor,  
Lembre-se de sua querida  
Que o amará toda vida  
Distante do seu calor!

Bento beijou-a e saiu  
Para o casebre chorando,  
Foi se despedir do pai  
Sem saber para até quando...  
Deu um beijo no irmão  
E pegou seu matulão  
Pra o rio caminhando.

Foi se despedir do velho  
Rio-amigo confidente,  
Bebeu dois goles de água  
E deu adeus, tristemente,  
Pediú à Nossa Senhora  
Que o levasse à Pirapora  
Para enfrentar o batente.

Percorreu vários lugares  
Pelas Fazendas passando  
E nas florestas mineiras  
la triste atravessando,  
Só ouvia o estribilho:  
-Muita sorte ó Andarilho,  
Vá andando... vá andando!

Bento dormia na estrada  
Quando o sol se escondia  
Debaixo dos arvoredos  
Ou quando por cortezia  
No alpendre duma Fazenda  
E seguia a sua senda  
Na maior melancolia.

Como pobre aventureiro  
Não esquecia o passado,  
Pois a imagem de Clarice  
A via por todo lado,  
Recebia ele o açoite  
Do frio triste da noite  
Com um ente condenado.

Cinco anos se passaram  
Ele andando pelo mundo  
Carpindo sua triste sorte  
Como infeliz vagabundo,  
O que ele mais sofria  
Era o amor que sentia  
De Clarice tão profundo!

Já perto de Pirapora  
Certo dia foi chegando  
Com o peito a saltitar  
No velho rio pensando,  
Há tempo não avistava  
Nem com ele conversava  
Seu drama foi recordando.

A sua mala era um saco  
E a terra fria por leito,  
Seu cobertor era o céu  
E a saudade no seu peito,  
Seu olhar não tinha brilho,  
Andava o pobre Andarilho  
Vivendo de qualquer jeito.

Quando viu o Rio amigo  
Foi abraçando-o dizendo:  
- Como vai querido Chico  
Não está me reconhecendo?  
É você o meu Abrigo,  
Meu Pai, Irmão e Amigo,  
Só estou feliz lhe vendo!

Bento foi buscar madeira  
E o seu casebre armou,  
Agora estava feliz,  
Na mesma tarde pescou...  
Foi outro dia à cidade  
Em busca de novidade  
Mas serviço nenhum achou.

Vivendo ali de biscoite  
Sofria o pobre rapaz,  
Sempre esperava os navios  
Sentado à beira do Cais,  
Ganhava qualquer dinheiro  
De um outro passageiro.  
Dia menos, dia mais.

O seu consolo era o rio  
Na sua conversação  
Só parecia que Bento  
Sofria de obsessão,  
Dizia, às vezes, tolice,  
Falando só de Clarice  
Dona do seu coração

Devido sua pobreza  
Nenhuma mulher o amava,  
Ao contrário parecia  
Que até lhe odiava,  
Quase sem ter alimento  
Mas sofria o pobre Bento  
Cada dia que passava.

Uma certa manhã estava  
Bento o navio esperando  
Quando de longe avistou  
O "VENCESLAU BRÁS" chegando  
Era um navio garboso  
Que chegava todo airoso  
Muita gente transportando.

Entre muitos passageiros  
Um rapaz desembarcou  
E pra levar sua bagagem  
Ao Bento convidou,  
Era o jovem um estudante  
Que ofegado bastante  
Ligeiro se entrosou.

-Meu jovem não quero Hotel  
Quero a minha Tenda armar  
Você que conhece o rio  
Me leve pra um lugar  
Que possa ficar tranquilo,  
Nada que me cause "grilo"  
Pois preciso trabalhar.

-Venho do Rio de Janeiro  
Pesquisar a região,  
Seus costumes, seu folclore,  
Sobre as coisas do sertão,  
Querendo ficar comigo  
Encontrará um amigo,  
à sua disposição.

A comida era enlatada  
Que logo o moço aprontou.  
Bento que estava faminto  
Da fome se libertou.  
-Pode chamar-me "Turista",  
E o seu nome de "artista"  
Ele a Bento perguntou.

-Pede chamar-se "Andarilho"  
Como estou acostumado,  
Com mais um dedo de prosa  
Turista muito cansado  
Uma "madorna" tirou,  
Depois a noite chegou  
Com um lindo céu estrelado.

Duzentos metros do rio  
Foi armado o acampamento  
Num lugar muito sombrio,  
Longe qualquer movimento...  
De tudo que se queria  
O Estudante trazia  
Como melhor sortimento.

O rapaz que estava em férias  
Pouco se demoraria  
E por isso ali seu tempo  
Um minuto não perdia.  
Foi com Bento convivendo  
E o Andarilho atendendo  
Tudo quanto ele pedia.

Um dia foram ao Comércio  
E o Turista comprou  
Um par de botas pra Bento  
Que ele muito se alegrou,  
Porque nunca o desgraçado  
Havia um sapato usado  
Mas, logo se acostumou.

Nasceu u'a grande amizade  
Entre o Estudante e o Bento,  
Acontece que "Turista"  
Sem nenhum acanhamento  
Confessou para "Andarilho":  
-Eu amo, você, meu filho.  
Com mais puro sentimento!

Era homossexual  
Porém muito reservado  
Se chamava ele Anselmo  
Moço finíssimo, educado,  
Com todo contentamento  
Vivia ele com Bento  
Fazendo-lhe maior agrado.

Até que chegou o dia  
De "turista" viajar  
Que deu a Bento dinheiro  
Sabendo não mais voltar,  
Quando o rapaz embarcou  
O "Andarilho" chorou  
Sem ter mais com quem ficar.

Voltou sua vida velha  
Todo dia lamentando  
E o nome de Clarice  
De instante, instante, falando  
la sempre conversar  
Com o velho rio, a contar  
O que estava se passando.

- Você sabe Amigo Chico  
Vou arranjar companheira...  
Tô de olho numa nêga  
Só quero que ela me queira;  
Com um terno e essa bota  
Acredito que Nicota  
Será minha a vida inteira!

A noite chegou Nicota  
E os dois ali se uniram,  
Dormiram na mesma esteira  
Porque ambos concluíram  
Que juntos melhor seria,  
Logo a partir desse dia  
Um para o outro sentiram.

Nicota mulher jogada  
Na vida por desatino  
Aceitou logo "Andarilho"  
Para ser seu concubino,  
Bento- um infeliz rapaz  
Abandonado no Cais  
Levava o mesmo destino.

Nicota com nove meses  
Teve um filho de Andarilho,  
No outro ano teve outro,  
Depois o terceiro filho,  
Teve o quarto- uma menina,  
Por nome de Andreolina,  
Assim era o estribilho.

Comendo piaba assada  
Com a farinha que pedia,  
Nicota lavando roupa  
Para a Cidade vivia...  
Pobre gente desprezada  
Que pela sina malvada  
Toda miséria sofria.

Nicota rogava praga  
Todo ano está parindo,  
Bento lembrando Clarice  
Não ia mais resistindo,  
O nome dela exclamava  
E como um louco bradava  
Tudo que estava sentindo.

Bentinho- o filho mais velho  
Ficava todo assustado,  
E a sua irmã crescida  
Via o pai alucinado,  
Parecia uma maldição,  
Nicota via o varão  
Completamente arrazado.

Um dia o filho Bentinho  
De repente adoeceu,  
E delirando de febre  
Sem ter recurso morreu,  
Bento e Nicota sofreram  
Os meninos adoeceram  
Da morte que aconteceu.

Bento não mais suportando  
Foi ao rio se entreter,  
Como é meu caro Amigo  
Já não posso mais viver?...  
O rio silencioso  
Com seu porte magestoso  
Parecia o entender.

Bento tinha o seu casebre  
Completamente estragado,  
As crianças todas nuas  
E ele desmulambado...  
Um dia o rio raivoso  
Como leão furioso  
Estourou de lado a lado.

Varreu todas plantações  
Afogando pescadores,  
Sofreu gente e morreu gente—  
Foi o pior dos clamores,  
No seu dilúvio profundo  
Parecia o fim do mundo  
Naqueles dias de dores.

Quando acalmou-se o rio  
Bento ninguém encontrou,  
Não viu Nicota e os filhos  
Tudo ali se evaporou.  
Sem saber e que fazer  
Num doloroso sofrer  
Da Cidade se ausentou.

Só o nome de Clarice  
O "Andarilho" lembrava,  
Dia e noite, noite e dia,  
O seu nome ele exclamava,  
Clarice-meu grande Amor,  
Venha acalmar minha dor!  
Pobre Bento dellrava.

Ao desperdir-se do rio  
Na sua grande aflicção  
Deu um beijo no seu leito  
E bebeu água na mão.  
Cabisbaixo o mui sombrio  
Foi se afastando do rio  
Sem rumo, sem direção.

Adiante numa estrada  
Sem destino ele seguiu,  
Muito longo alhou pra trás  
O "VELHO CHICO" não viu,  
Soltando suspiros, ais,  
Se embrenhou nas matagais  
Da região se sumiu.

O sol ia desoambando  
Preguiçoso atrás de um monte  
E o triste lençol da noite  
Ocultou o horizonte,  
"Andarilho" aí tombou  
Dormiu e não se acordou  
Morreu debaixo da ponte,

A água do São Francisco  
Ali estava presente  
E o corpo de "Andarilho"  
Como se fosse um presente  
Devolveu ao velho rio  
Num panorama sombrio  
Sem presença de um vivente.

8185

## Duas palavras aos leitores

Minha amiga Escritora e Irmã Poetisa - Embaixatriz da "Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel" em Montes Claros, Minas Gerais, esposa dedicada e extremecida mãe de família, além de Poetisa, Trovadora de talento é uma das mais consagradas Escritoras que conhecemos neste imenso País de bons Poetas e grandes Escritores, Já conhecíamos muitas de suas obras e ao ler a sua obra "O Andarilho do São Francisco" pedi-lhe permissão para versar o seu romance.

O Romance de Amelina contém mais personagens e fatos que não versei, apenas sintetizei o enredo de sua obra e até muitas coisas modifiquei. Enviei-lhe o original e ela gostou autorizando-me a publicar.

Eis os folheto e quem desejar conhecer melhor o enredo escreva para Amelina Chaves — Rua São Francisco, 1035 CEP - 39.400 — Montes Claros—Minas Gerais;

Para a minha Querida Amiga e ao seu Esposo Almir Chaves a minha Gratidão imorredoura e não muito longe far-jhe-el nova visita para levar o meu futuro folheto "Saudades de Montes Claros" que Josecé Alves dos Santos encomendou-me e não respondeu-me se ainda o está esperando.

**Rodolfo Coelho Cavalcante**

( Trovador Brasileiro )

Caixa Postal, 916 — 40.000 — Salvador-Bahia

Leiam "VIDA E LUTA DO TROVADOR RODOLFO COELHO CAVALCANTE", de Eno Teodoro Wanke - Rua Gal. Glicério, 407 - aptº 602 — Cep. 22.251 Laranjeiras - Rio de Janeiro - RJ.